

# PREFÁCIO

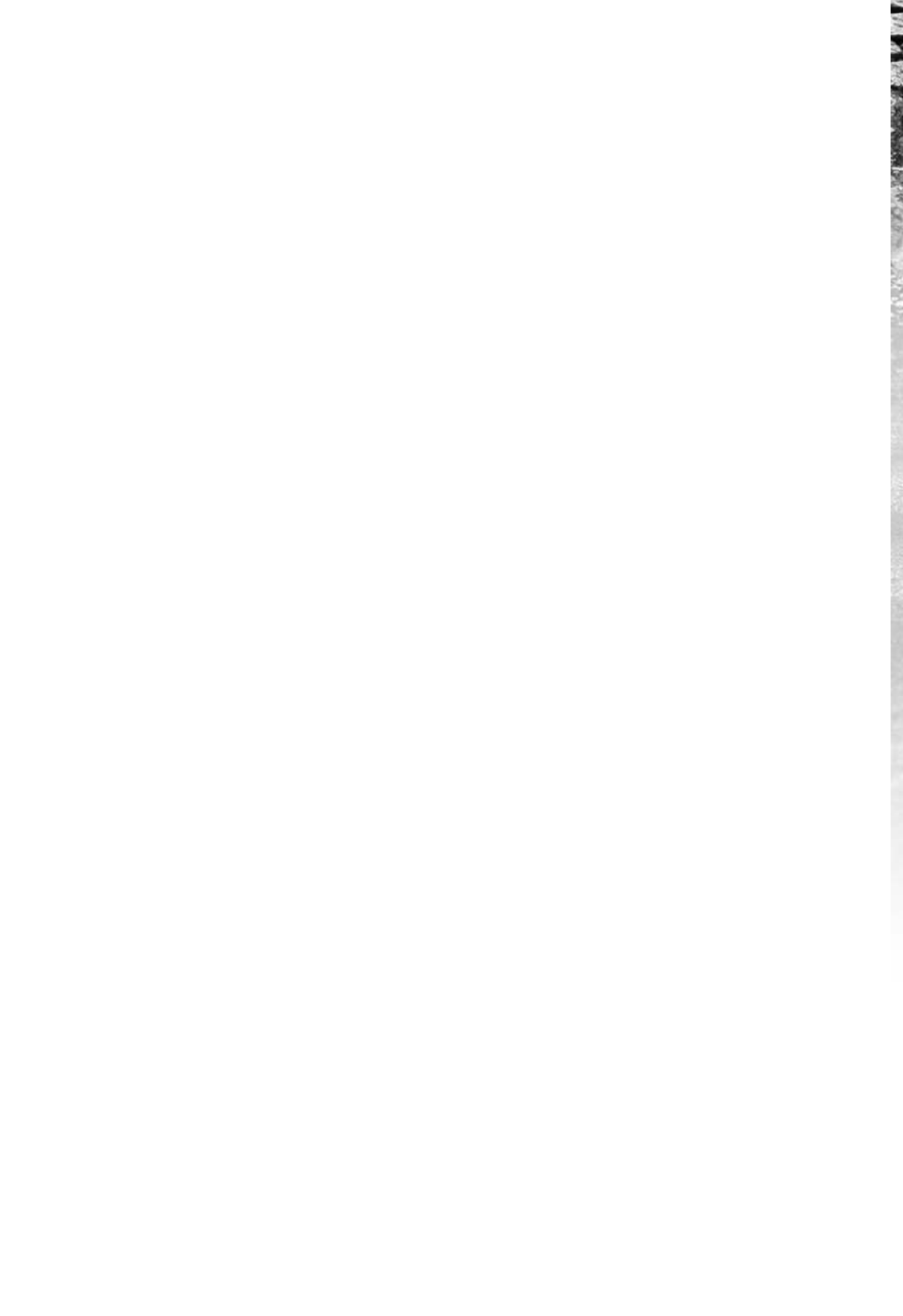
Uma viagem até Israel é um sonho de muitos cristãos. A distância enorme que separa o Brasil da Palestina, e o preço exorbitante de uma passagem, impossibilitam a realização de uma viagem dessas a todos que não pertencem à faixa afluyente da sociedade.

A leitura de *A Vida Diária nos Tempos de Jesus*, evidentemente, não oferece todas as vantagens que uma visita ao Oriente Médio proporcionaria, mas seguramente é a melhor opção para quem não tem condições de conhecer pessoalmente a terra de Jesus. Por outro lado, o turismo na Terra Santa não oferece os grandes benefícios que uma caminhada demorada pelas páginas de *A Vida Diária nos Tempos de Jesus* dará ao leitor. O prof. Daniel-Rops não só traz a Palestina até nós, como também nos transporta através dos séculos até os tempos e sociedade em que Jesus viveu.

Freqüentemente observamos referências à cultura judia, contemporânea de Jesus e dos discípulos, no Novo Testamento. Daniel-Rops esclarece as várias facetas da vida do dia-a-dia na época de Jesus: educação de filhos, casamento, pobreza, riqueza, comida, trabalho, escrita, doenças, morte, religião, enfim, tudo que esclarece como viviam os homens e mulheres na Palestina há dezenove séculos no passado. O leitor terá a felicidade de descobrir a prazerosa leitura em que se aprende tanto, sem esforço, porque o autor é, também, um excelente escritor.

Recomendo este livro ao pastor, ao professor e aos cristãos que desejam dar um grande passo à frente no conhecimento do pano-de-fundo do Novo Testamento, e na ambientação com os costumes e estilo de vida dos contemporâneos de Jesus.

Russell P. Shedd





PARTE UM

# UMA TERRA E SEU POVO

Dar-te-ei a terra de Canaã, como quinhão da

vossa herança (Sl 105.11)



## CAPÍTULO UM

# CONTEXTO GEOGRÁFICO

### PALESTINA

**P**ara o homem de nossos dias este nome tem um sentido muito exato: representa um país que qualquer um pode facilmente indicar no mapa, um país situado na extremidade ocidental da Ásia, naquela região chamada pelos europeus de Oriente Próximo. Um modesto retângulo limitado pelos paralelos 31° e 33°, longitude norte, e pelos meridianos 34° e 36° leste, contém este país. Ele vai das montanhas da Síria até as estepes do Neguebe; do grande deserto da Arábia às costas do Mediterrâneo.<sup>1</sup> Palestina... o nome está tão carregado de história, de esplendor e simbolismo, tão firmemente plantado na memória da humanidade, que sobreviveu a todas as mudanças dos séculos e ainda hoje é atual, apesar das decisões políticas que dividiram e fragmentaram a Terra Santa.

Todavia, por mais surpreendente que possa parecer, o termo estava longe de ser comum há dois mil anos. De todo modo, jamais teria ocorrido ao povo que ali vivia, os nativos, chamar seu país de Palestina. A Bíblia não menciona essa palavra. Cerca de quinze vezes<sup>2</sup> no Antigo Testamento, a Bíblia, na sua versão latina, a Vulgata, fala dos palestinos e do país em que vivem. Fica porém perfeitamente claro que isso não se refere à Palestina atual em sua íntegra nem ao povo de Israel. Esses palestinos são os filisteus, e é assim que as

---

<sup>1</sup> Veja um mapa na sua Bíblia.

<sup>2</sup> (Gn 21.33,34; 26.1, 8,14; Êx 23.31; 1Cr 10.1; Ez16.27,57; 25.15,16; Jl 4.4; Am 6.2; 9.7).

edições recentes traduzem a expressão. Filisteus: isto é, os aventureiros, os piratas que surgiram como vanguarda da invasão ariana no século XII a.C.; aqueles que o Faraó Ramsés III conquistou sob o nome de “Povos do Mar”; os que se estabeleceram na planície costeira de Sarom e a quem os hebreus, que saíam do Egito, tiveram de combater ferozmente nos dias de Sansão, o juiz, e dos reis Saul e Davi.<sup>3</sup> Para os israelitas, portanto, o *Pelescheth* não passava de um distrito de sua terra, que reteve o nome de um inimigo derrotado. Mas os navegadores gregos, que comerciavam com os portos da costa filistéia, passaram a chamar o todo pelo nome da parte que conheciam e a aplicar *Palaistine* ao país inteiro: isto se tornou uso corrente no mundo greco-romano e assim chegou até nós.

Se as pessoas que viviam na Palestina nos tempos de Jesus não a chamavam por este nome, qual era então o nome que lhes davam? Nos contextos cerimoniais, religiosos e históricos, diziam Terra de Canaã. A expressão é usada quase cem vezes<sup>4</sup> na Bíblia, significando uma nação ou um país. Esta é também uma situação surpreendente, pois os cananeus, o povo de Canaã, tinham sido igualmente inimigos dos hebreus.<sup>5</sup> Segundo a tradição bíblica eles descendiam de Cão, o segundo filho de Noé, enquanto o ancestral de Israel foi o seu filho mais velho, Sem.<sup>6</sup> De fato, o termo abrangia todo o complexo aglomerado de tribos mediterrâneas, semíticas ou armenóides que viviam na região “de Sidom a Gaza, até pontos remotos como Gerar e Sodoma”, antes da chegada de Josué e seus exércitos. Os cananeus eram quem ocupavam principalmente as cidades, por elas fortificadas, as quais os juízes de Israel tiveram tanta dificuldade em sitiar. O nome deles era derivado de *kinahha* na língua fenícia, a tinta púrpura dos antigos, um artigo importante no comércio da época. Os israelitas então, ao chamar seu país de Canaã, destacavam o fato de terem conquistado essa terra pela força, porque Deus lhes concedera.

Eles faziam também uso de outras expressões que evocavam o esplendor do seu passado e seu significado sob a providência divina. *Terra Prometida* era uma delas, em memória da aliança entre Abraão e Javé, confirmada por toda a história do Povo Escolhido: o termo é também mencionado na Epístola aos

---

<sup>3</sup> Sobre os filisteus, veja Daniel-Rops: *Histoire sainte, le Peuple de la Bible*.

<sup>4</sup> Noventa e oito exatamente de Gênesis 9.18 a Atos 13.19.

<sup>5</sup> Veja as palavras *Canaan* e *Cananéens* no índice *Histoire sainte*.

<sup>6</sup> Gênesis 9.8.

Hebreus.<sup>7</sup> *Terra Santa* era outra, tornada comum pelo profeta Zacarias.<sup>8</sup> Poderia supor que Terra de Israel fosse bastante usual, mas embora o apóstolo Mateus faça uso dela em seu evangelho quando fala da volta de Jesus do Egito, quando ainda criança<sup>9</sup>, este não é o caso. *Terra de Judá*, por outro lado, deve ter sido bem generalizada, pois consta mais de uma centena de vezes na Bíblia, indicando não simplesmente a Judéia, mas toda a Palestina. No entanto, a mais bela, a mais profunda, é aquela encontrada no Talmude, particularmente naquelas partes escritas pelos rabinos da Babilônia, longe da terra de seus pais — a *Terra*, o país no mais elevado sentido da palavra, a terra de Deus.<sup>10</sup>

Quando aqueles israelitas de há dois mil anos falavam de seu país, que extensão de território tinham em mente? O que era a Terra de Israel? Ela não abrangia todos os países da Bíblia: mesmo sem contar aquelas partes das Escrituras que se desenrolam em lugares estranhos como a Mesopotâmia, Egito e até mesmo a Pérsia, existem muitas coisas no Antigo Testamento que têm lugar em pontos que os judeus dos dias de Cristo jamais pensariam que lhes pertencesse. A região de Padã-Arã, por exemplo, a “terra dos pais”, no sopé das montanhas Anti-Taurus, onde Abraão peregrinou durante sua migração divinamente inspirada e onde Jacó foi buscar esposa.<sup>11</sup> Eles sabiam perfeitamente naqueles tempos longínquos que não passavam de peregrinos naquela terra — ela não lhes pertencia. Por outro lado, nunca tinham afirmado que o seu próprio país, a Terra Prometida, fosse simplesmente aquele distrito insignificante de menos de 2.000 km<sup>2</sup> ao redor de Jerusalém, a que ficou limitado “todo o remanescente de Israel”, quando voltaram da Babilônia nos dias de Zorobabel depois da terrível provação do Exílio.<sup>12</sup> Absolutamente. A Terra Santa abrangia substancialmente toda a extensão de terra que fora governada pelo rei mais poderoso da história bíblica, Salomão, quando, cerca do ano 1.000 a.C, seu poder indiscutível se estendia “de Dã até Berseba” conforme diz o ditado isto é, das vizinhanças do Monte Hermom ao Wadi Ghuzza, e na direção leste até as estepes de Moabe. Dois séculos antes de Cristo, depois da heróica batalha dos Macabeus, dois famosos conquistadores,

---

<sup>7</sup> Hebreus 11.9.

<sup>8</sup> Zacarias 2.16.

<sup>9</sup> Mateus 2.20.

<sup>10</sup> Talmude Babilônico, *Gittin*, folha 8.

<sup>11</sup> Veja *Paddan Aram* no índice de *Histoire sainte*.

<sup>12</sup> Cf. *Histoire sainte*, p. 324.

João Hircano e Alexandre Janeu<sup>13</sup> tinham quase reconstruído o reino desse sábio soberano mediante uma série de rápidas vitórias que lhes entregou nas mãos Samaria, Galiléia, a planície costeira e uma grande parte da Iduméia e Transjordânia. Tratava-se então, essencialmente, da Palestina de nossos dias. Ela fora ocupada no ano 63 a.C. por Pompeu e suas legiões; e a administração romana, tomando a parte pelo todo, a chamou de Judéia.

Mesmo em seu período de máximo esplendor, a Palestina, a terra de Canaã, continuou sendo um país pequeno. Os rabinos do Talmude, que no auge do seu entusiasmo lhe concederam liberalmente uma extensão de 2.250.000 milhas quadradas<sup>14</sup> — milhas romanas — não devem ser considerados literalmente. De fato, a área, mesmo contando uma boa parte das estepes do outro lado do Jordão, não excedia em muito 8.500 milhas quadradas: quase o mesmo que o País de Gales, a Bélgica ou a Sicília. Jerônimo, que viveu longo tempo perto de Belém e que conhecia perfeitamente o país, calculou sua extensão do norte até o sul como não sendo maior do que cento e sessenta milhas romanas que se comparam a cerca de cento e quarenta e cinco milhas inglesas, ou seja, a distância de Londres a Exeter, ou de Florença a Roma.

Quanto à largura, este mesmo Pai da Igreja desistiu de medi-la, pois achou terrivelmente excessiva a desproporção entre a insignificância física da Terra Santa e seu significado espiritual.<sup>15</sup> Do Mediterrâneo a Ghor, do Jordão, ela varia de 25 milhas ao norte até a sua maior largura de 87 junto ao Mar Morto. A fim de compreender melhor a vida na Palestina é essencial lembrar que as distâncias são mínimas. Um andarilho comum pode ir de “Dã a Berseba” numa semana; dois dias são suficientes para uma viagem de Nazaré a Jerusalém; e mal se precisa descer para ir da cidade santa a Jericó. Isto explica os movimentos contínuos de que as Escrituras falam e as comunicações entre distritos.

Por esta razão os israelitas conheciam bem o seu país, e o amavam. Eles o conheciam sob todos os seus aspectos, como um fazendeiro conhece o menor campo em suas terras. Esta nação, ligada ao solo durante pelo menos doze séculos, tinha por ele um amor expresso de maneira delicada e comovente em muitos pontos da Bíblia. Livros inteiros — os Cantares de Salomão, por exemplo — estão repletos daquele sentimento poético pela terra natal que somente um amor profundo e penetrante pode transmitir. Ao serem levados

---

<sup>13</sup> Veja esses dois nomes no índice de *Histoire sainte*.

<sup>14</sup> Talmude Babilônico, *Sotah*, 49.

<sup>15</sup> Carta a Dardano (Epist., CXXIX, 41).



de seu país, os filhos de Israel não conseguiram encontrar palavras suficientemente tocantes para exprimir sua tristeza. “Sinto abatida dentro em mim a minha alma; lembro-me, portanto, de ti, nas terras do Jordão e nos montes do Hermom, no outeiro de Mizar<sup>16</sup>.” E mais ainda lamentavam os judeus exilados junto às águas da Babilônia no período de sua grande provação.<sup>17</sup> Este amor a uma terra era maior do que o amor terreno pela terra em si: era sinal de uma fé eterna.

## A BELEZA E A DIVERSIDADE DA TERRA SANTA

Como os israelitas poderiam deixar de amar sua terra? A Palestina é um país maravilhoso, cuja beleza impressiona ainda hoje quem a visita. Quão maior deve ter sido sua beleza antes que séculos de governo turco tivessem provocado o desaparecimento de tantas florestas e plantações, e antes que as instalações industriais levantassem suas torres, seus guindastes e suas chaminés, nos lugares marcados com o selo de Deus.

O perfil das colinas em toda parte é tão singular, puro e delicado que parece desenhado por mão de artista; existe ali uma perfeição somente comparável à de Atenas. Onde quer que seja, a relação dos planos, as distâncias remotas, imprimem uma harmonia secreta sobre a mente e a fazem voltar-se para a eternidade. Sob o céu azul profundo as cores fulgem com extraordinária riqueza — o vermelho da terra dos vinhedos, o verde delicado das hortas, o ouro pálido da cevada madura, o amarelo-tostado do deserto; e sob o sol todas essas cores contrastantes se fundem num só brilho quente, e na sombra nos tons violeta do bronze. E para tornar ainda mais evidente a harmonia, aqui e ali grupos de ciprestes escuros se integram na paisagem; ou, de repente, a superfície trêmula dos olivais ressalta em azul.

Poucos países mostram tanta diversidade em tão pequena extensão. Em poucas horas podemos ir das praias de um lago que poderia estar no paraíso à confusão amedrontadora dos cumes de montanhas, ravinas ressequidas e sopés dos montes cobertos de cardos, onde o bom samaritano ajudou a um homem ferido que estava caído ao lado da estrada. Trinta quilômetros adiante, a mesma depressão apresenta a visão estimulante de uma floresta digna das

---

<sup>16</sup> Salmo 42.7.

<sup>17</sup> Salmo 137.1,5,6.